

JORNAL DO BRASIL

Não podemos mais errar

RUBEM MEDINA *

O cenário social do Brasil é tão dramático que não nos deixa margem para hesitações. Passamos muitos anos atribuindo este drama de milhões de pessoas a pretextos tais como "o Brasil é um país pobre". A esperança de solução futura e natural deste problema dissolveu-se nos anos 80, quando nossa economia andou para trás e o problema se agravou.

Já ficou bastante claro que é necessário garantir um crescimento continuado da economia para gerar excedentes a serem investidos na área social. E que esse crescimento não virá por milagre, mas sim pelo caminho testado em todos os países vitoriosos do mundo — o controle da inflação e o crescimento continuado da competitividade da economia.

Nossa economia está longe de ser competitiva, mas o mundo moderno exige. O custo Brasil elevado dificulta as chances de nossas empresas na competição internacional e, até bem pouco tempo, o país era desacreditado, não conseguindo atrair os investimentos externos que pudessem mudar esse cenário pessimista.

O país errou na chamada Constituinte Cidadã, que só prevê direitos e não deveres, errou em ilusionismos tais como o Plano Cruzado e outras formas de tabe-

lamentos artificiais de preços, errou em deixar inchar as estruturas dos governos federal, estaduais e municipais — que hoje são fardos pesados carregados por toda a nação.

Alguns estados têm folhas de pagamento que consomem mais de 100% da receita tributária. Muitos municípios se limitam a pagar o funcionalismo, sem verba para a mínima ação social ou econômica. No governo federal, muitas empresas públicas ocupam lugares-chave na economia, mas não têm dinamismo para cumprir sua missão econômica e social. É o caso da área siderúrgica, que se recuperou depois de privatizada, de toda a área de telecomunicações, que começa a se tornar mais eficiente com as primeiras privatizações, e outras áreas que estão a caminho da privatização.

Não temos mais direito de errar. Chega de pajelanças que iludem a população sofredora e não resolvem a dramática miséria nacional. O caminho da transformação do Brasil em um país sem miséria é a aprovação de reformas modernizantes, que abram caminho à iniciativa e ao trabalho nacional. Muitos outros países já passaram por essas reformas e hoje apresentam resultados positivos.

O Congresso Nacional precisa participar deste esforço e a população deve ser mais informada desse processo. Sem a

reforma administrativa, por exemplo, não há chance de os estados e municípios terem condições orçamentárias de cumprir seus compromissos e impedir as nomeações de protegidos políticos. Sem a reforma administrativa, a única solução seria o aumento de impostos, penalizando ainda mais a economia.

Sem a reforma da Previdência, não há possibilidade de aposentadorias dignas e continuará sendo difícil elevar a poupança nacional — indispensável à aceleração dos investimentos.

O Brasil está conquistando confiança no exterior e, por isso, têm sido elevados os investimentos externos no país. Em 1966, o Brasil liderou a América Latina na atração de investimentos do exterior, com US\$ 35,4 bilhões (contra somente US\$ 9,1 bilhões em 1994). Mas um país não pode contar, para o crescimento de sua economia, somente com recursos do exterior. Isto poderia levar a uma desnacionalização das decisões econômicas. O país deve elevar sua poupança interna para que os investimentos totais sejam ainda maiores, com equilíbrio entre as fontes internas dos recursos investidos.

Não podemos mais errar. Este país não pode achar que é, fatalmente, subdesenvolvido.

* Deputado federal (PFL/RJ) e presidente da Comissão de Economia da Câmara dos Deputados